Acervo ISA

ESPECIAL

CEDI - P.I.B.
DATA 31/12/86
COD. ØHD1Ø

Nossos repórteres — Percival de Sousa (texto) e Rolando de Freitas (fotos) — chegam a Itaituba

A capital do ouro

(A Polícia Federal, a Caixa Econômica e a Aeronáutica já chegaram. Por causa do contrabando.)

Foi há poucos dias que o Governo Federal resolveu instalar-se em Itaituba, no Pará, a cidade do ouro. A cidade, que fica em estratégica situação geográfica, viu chegarem, ao mesmo tempo, os homens da Aeronáutica, da Polícia Federal e da Caixa Econômica Federal. Cada um com suas atribuições específicas e uma meta comum: disciplinar a movimentação de compra e venda de ouro e controlar o contrabando.

Os garimpos que dependem de Itaituba são muitos: Marupá, Patrocínio, Tabocal, Crepori, Creporezinho, Cuiu-Cuiu, São Domingos, Água Branca, Jamanzin, Barra de São Manuel, Jacareacanga, Peixoto, Cachorrinho, Manual...

São mais de 80 garimpos conhecidos, e existem aqueles que são quase conhecidos. E ainda mais uma nova corrida de ouro, num garimpo ainda sem nome, nas proximidades do quilômetro 974 da rodovia Santarém — Cuiabá. A dezoito quilômetros desse trecho da rodovia, segundo os incansáveis locutores da **rádio cipó** (nome que se dá, aqui, aos boatos que surgem todo dia e às informações verdadeiras que motivam, quase todo dia, a uma nova corrida do ouro), já é possível encontrar ouro numa profundidade de apenas dois metros. Quem abrir a primeira pista será o "dono" desse garimpo — conforme consenso (não lei) através do qual quem chega primeiro sempre tem direito a todos os privilégios.

Nem sempre as informações dessa **rádio cipó** são corretas, mas de qualquer forma essa cidade, à beira do imponente rio Tapajós, tem uma grande importância estratégica. Não só pelas dezenas de garimpos para os quais ela é o único ponto de contato, como também pela sua relativa proximidade, para os habilidosos **mateiros**, homens especializados em caminhar dias dentro da mata, com a cidade de Maués, no Amazonas.

Afinal, para se chegar da amazônica Maués à região do garimpo são necessários sete dias de barco. E Itaituba é, apesar de tudo, bem superior a Maués. Outra vantagem: uma hora e quinze minutos de monotor são suficientes para se chegar a Santarém, de onde partem aviões — de carreira — para Belém e Manaus.

A FAB ao chegar a Itaituba, estava preocupada com os pilotos e suas precárias condições de vôo, supondo também que a maioria deles eram contrabandistas. Um oficial aviador fez uma reunião com todos eles e ficou confuso ao saber como os pilotos voam para os garimpos. E ficou confuso de modo compreensível como veremos durante essa série de reportagens.

Já a polícia federal, com seus jovens agentes portando discretamente as armas sob a camisa, está atenta a movimentação de compra e venda de ouro, o grande comércio de Itaituba. Agora exige-se que cada garimpeiro tirasse a sua carteira de identificação, no posto da Receita Federal.

A Caixa Econômica Federal chegou tendo de competir. E de sucessivas reuniões em Brasília, dispondo das preciosas informações do Conselho de Segurança Nacional, a agência da Caixa em Itaituba foi a primeira a se preparar para comprar ouro. (Não confundir com a compra de ouro em Serra Pelada, Serra das Andorinhas, onde tudo é controlado apenas pelo governo).

Em Itaituba, não. A Caixa tem concorrentes, alguns poderosos, e os garimpeiros dessa região — de onde se extrai ouro há pelo menos vinte anos, — sempre foram acostumados a vender para esses comerciantes.

A Caixa chegou, então, de forma agressiva: estendeu pela cidade muitas faixas enormes, de calçada a calçada, o apelo em letras grandes: "Cef está comprando ouro ao melhor preço da cidade. Visite-nos!"

Dois dias depois, os jovens agentes federais — ninguém da região, todos eles vindos de outros Estados — cumpriam as rigorosas determinações do superintendente da Polícia Federal no Pará, Vandir de Freitas, que tem a sua sede em Belém.

Os policiais constataram que a maioria dos garimpeiros não sabia o que era "CEF" (nas faixas, estava o logotipo da Caixa); além disso, são poucos, dentre eles, os que sabem ler. A Caixa resolveu, diante dessa observação de ordem prática, que era melhor (sem eliminar as faixas) utilizar a versão urbanizada da **rádio cipó** — isto é, o serviço de som que ocupa praticamente todos os postos da cidade, com o seu barulho estridente a partir das 7 horas da manhã. E de cinco em cinco minutos, esses autofalantes transmitem, até a noite, a mensagem da Caixa:

— Amigo garimpeiro! Estamos comprando ouro ao melhor preço da cidade! Faça-nos uma visita...

(Em apenas quinze dias, a Caixa comprou 42 quilos de ouro, só de alguns garimpos de Maués e Itaituba. Uma aquisição no valor de 634 mil dólares).

Mas a Caixa é nova no ramo, nessa cidade que vive em função do ouro. Em outras lojas de compra, como a **Beta, Zé Arara, João do Boi, Carol, Espadim e Vecambrás**, o movimento de compra é bem superior.

Algumas fecham as suas portas logo cedo, porque compram tanto ouro que acaba logo todo o dinheiro disponível. **João do Boi** vive fazendo constantemente uma espécie de ponte áerea entre Santarém e Itaituba, e aos poucos conseguiu eliminar a parte final de seu constrangedor apelido original, que era **João do Boi Podre** — (alusão à acusação que sofreu por vender, durante algum tempo, carne de má qualidade para os trabalhadores do garimpo).

Tenha uma idéia desse movimento: na **Vecambrás**, Cremilda e seu irmão passam o dia todo à disposição dos vendedores de ouro. Invariavelmente, cada garimpeiro — ou homens mais apresentáveis, mas também com ouro para vender — chega perguntando qual é a cotação do dia. Atualmente, Cr$ 960 por grama.

O escritório da **Vecambrás**, como o de todo os demais compradores é modesto. Possui o essencial. Uma mesa com a balança de pesar; no canto, um bujão de gás com maçarico e uma frigideira. Dependendo da vontade do freguês, o ouro é colocado na frigideira, com um pouco de mercúrio, e queimado para eliminação das impurezas.

Numa tarde de sol, Cremilda estava radiante. Seu irmão ficou quieto, com os olhos lacrimejantes por ter manejado bastante aquele maçarico que aumenta ainda mais o forte calor da sala. A euforia de Cremilda: em sete horas de expediente, ela havia comprado 6 milhões de cruzeiros em ouro, pagando tudo à vista. Às 4 da tarde, ela repetia para os garimpeiros, sempre numa espécie de romaria ininterrupta: "Acabou o dinheiro, volta amanhã".

Os garimpeiros chegam com o ouro embrulhado em pequenos pacotes de papel; e também dentro de vidros de colírio ou outros igualmente pequenos. No mês passado, varrendo o chão dessa loja, um menino recolheu seis gramas de partículas de ouro. Por isso, o restaurante "Garfo de Ouro" procura inutilmente alguém para fazer a limpeza e lavar pratos, oferecendo 5 mil cruzeiros...

Acabou o dinheiro, insiste Cremilda, mas mesmo assim um garimpeiro quer vender ali, de qualquer modo, os seus sete gramas de ouro já pesados. Não tem ainda a carteira de garimpeiro, e o irmão de Cremilda procura explicar-lhe que sem carteira ninguém vai comprar seu ouro. O garimpeiro insiste — "mas eu sempre vendi aqui", enquanto um agente federal, debruçado na janela do escritório, sorri diante dos planos simplórios do garimpeiro de sete gramas: "quero beber tudo em pinga hoje mesmo".

A Caixa Econômica está pagando Cr$ 1.100 o grama. É vantagem? Decide o garimpeiro, mas há os descontos: 10% de "quebra" (a parte que contém as impurezas) e mais 1% de imposto único sobre minérios. Como se vê, dá quase na mesma...

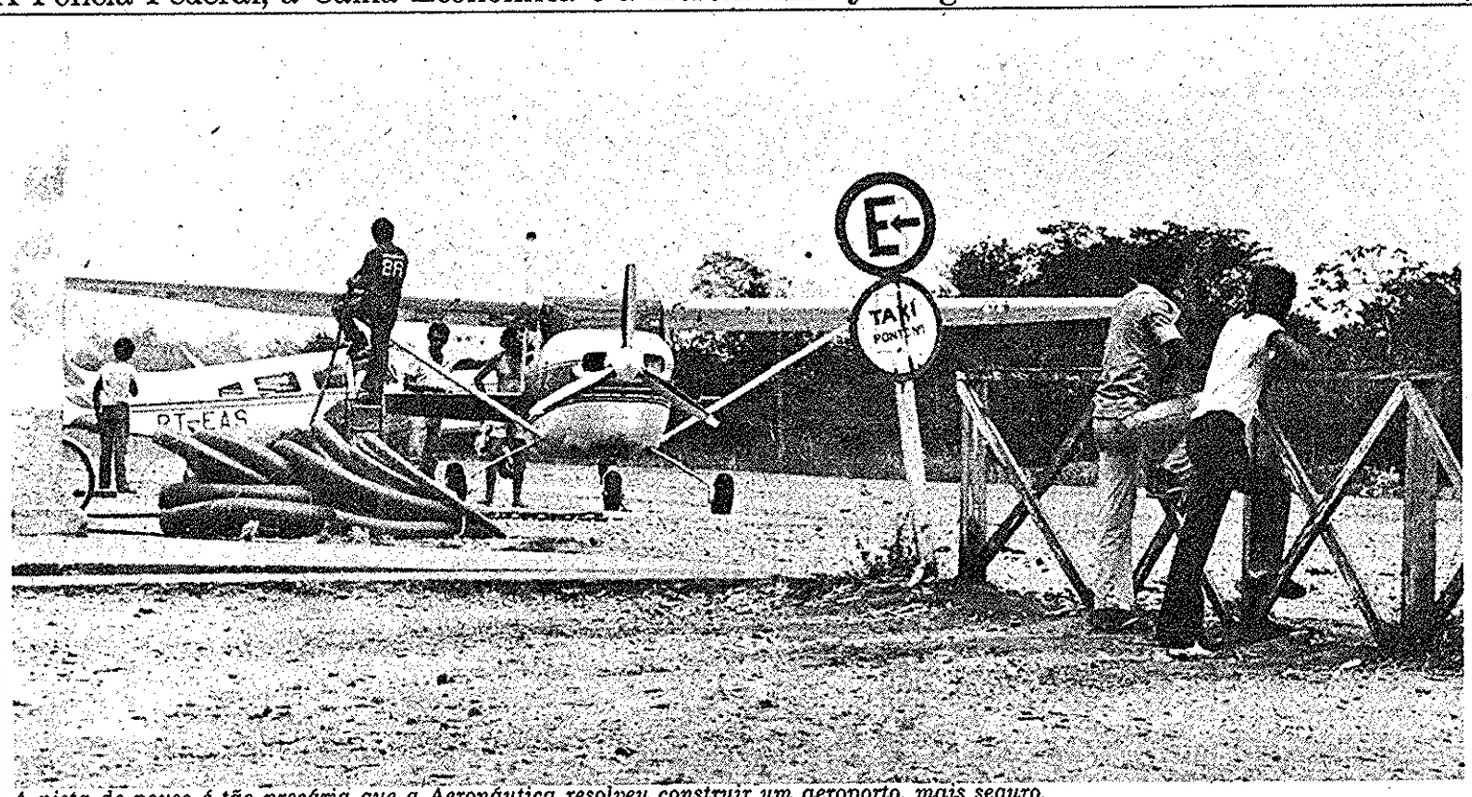
Carlos Alencar, que ocupa o cargo de gerente de núcleo, admite que o começo da compra de ouro em Itaituba "foi uma lástima". O garimpeiro chegava desconfiado à agência, com um vigilante à porta, tudo fechado, deslocado naquele ambiente com ar condicionado...

Mas há dias em que só a Caixa tem dinheiro. Aí aumentam as facilidades de operações, a conversa do gerente para aqueles homens abrirem uma conta, a explicação de que ali há um possante rádio pelo qual podem ser expedidas ordens de pagamento para capitais distantes.

(No dia 3 de setembro, o garimpeiro Jair Ferreira Gato ficou maravilhado com essa informação. E mandou depositar quase Cr$ 300 mil cruzeiros numa conta em São Luís, Maranhão.)

O horário de trabalho na agência da Caixa em Itaituba foi estabelecido para estimular o comparecimento dos garimpeiros: das 8 da manhã às 6 da tarde, inclusive aos sábados, e ainda até ao meio-dia de domingo.

Qual a base do preço do ouro em Itaituba? As cotações oscilam no mesmo dia e, segundo o gerente Carlos Alencar, a regra é simples: "nós nos baseamos na Bolsa de Londres; os outros pelo câmbio negro de São Paulo".



A pista de pouso é tão precária que a Aeronáutica resolveu construir um aeroporto, mais seguro.

Aqui se negociam milhões, todo dia.

Uma balança, um maçarico e só.

Ouro: no cinema, lojas, restaurante...

"Zé Arara", um comerciante, pretende ser prefeito de Itaituba, substituindo o atual, há 13 anos no cargo.

O cofre, chegando à agência da Caixa Econômica Federal, que se prepara para enfrentar seus concorrentes, com muito dinheiro e bom preço para o ouro dos garimpos.

Carlos explica que essa agência da Caixa em Itaituba foi a primeira no Brasil a concorrer na compra de ouro; a próxima, diz ele, deve ser a agência de Porto Velho.

E as esperanças de compra de ouro parecem serem grandes: o JT estava em Itaituba quando chegou um enorme cofre especialmente para o ouro comprado na cidade ser guardado. O cofre foi do Rio de Janeiro para Belém; da capital do Pará seguiu de barco para Itaituba. Mais tarde, o ouro — será encaminhado para o Banco Central, em Brasília, exigindo um esquema de segurança especial para esse transporte, que está sendo planejado pela Polícia Federal.

Itaituba reflete o movimento de quilos de ouro e milhões de cruzeiros que representa. Seu "aeroporto" é uma calamidade; a pista fica praticamente dentro da cidade e ali existem cerca de 80 aviões voando todo o dia — a partir das 6 horas da manhã.

O tráfego aéreo é incessante, só que ao decolar ou aterrisar os pilotos precisam se acautelar com as pessoas que, displicentes, andam pela pista — a pé ou de bicicleta. Por esse motivo, a FAB está quase terminando a construção de um aeroporto adequado, distante a poucos quilômetros da cidade.

Nas ruas, os táxis são carros novos, todos modelos do ano; qualquer corrida, por mais insignificante que seja, custa em média 400 cruzeiros. E a influência do ouro pode ser notada pelo nome de alguns dos lugares mais freqüentados da cidade: o restaurante, "Garfo de Ouro"; o cinema, "Cine Ouro"; a loja que vende discos e fitas cassete, "Disco de Ouro"; a joalheria, "Rei do Ouro". E as lojas que compram dos garimpeiros que nem nome possuem, apenas a inscrição na fachada: "Ouro".

Mesmo com tanto ouro, as condições de vida são precárias. Mais farmácias (46) do que hotéis e pensões, a água que a população recebe para beber vem direta, sem nenhum tratamento, do Tapajós; não há rêde de esgotos e os detritos são despejados no mesmo rio que abastece a cidade. A água suja corre pelas ruas; calçadas, praticamente não existem; à noite, quase invariavelmente, a cidade fica às escuras, por falta de energia elétrica. Para tomar banho, muitos moradores vão ás proximidades do Tapajós, onde um cano despeja um jato de água quente, sulfurosa — que merecia, ao menos em termos turísticos, um melhor tratamento da prefeitura.

O prefeito Altamiro Raimundo da Silva não goza da simpatia dos 32 mil habitantes, aproximadamente, da cidade. Prefeito nomeado, há mais de treze anos ocupando o cargo, mantém uma enorme fotografia do governador Alacid Nunes em sua sala, na Prefeitura, e um jacaré dourado sobre a mesa.

"Não o jacaré sôbre a mesa não é de ouro", precisa repetir várias vezes, durante o dia, o prefeito de Itaituba em seu gabinete. E esse prefeito, que deixa toda a família em Belém, não tem a simpatia da população simplesmente porque a cidade não demonstra, pela sua estrutura, ser — como é — uma espécie de capital do ouro. Pelo contrário: á noite, quando falta luz, e os moradores mais irritados acendem fogueiras nas ruas (os montes de madeira e papeis para queimar começam a ser preprados todas as tardes), Itaituba lembra mais uma cidade do antigo faroeste americano.

"O ouro é o suporte da economia do Município", diz o prefeito, em seu gabinete. O ouro "ajuda", afirma Altamiro, "mas não em termos de tributo". A beira do Tapajós, mais críticas ao prefeito: inexplicavelmente, mandou cortar antigas mangueiras da avenida principal.

A maior preocupação de Altamiro em receber um jornalista do Sul é ser amável: água gelada, cafezinho, elogios à Transamazônica, procurar convencer que no seu Município a agricultura (arroz e cacau) e a pecuária começam a ter expressão, embora o garimpo — forçoso admitir — "esvazie um pouco esses interesses". Ah, sim, Itaituba tem formas de lazer — "praia, esporte, futebol, volei, basquete, tudo o que a mocidade aprecia". Escolas? Nenhum problema, "temos cinco estabelecimentos de primeiro grau e um de segundo grau". A Transamazônica? "Ótima, dá para fazer os 373 quilômetros de Itaituba a Santarém em sete horas de ônibus." E diante do que sabe ser inevitável, suplica: "Por favor, não critique muito."

O prédio da Prefeitura de Itaituba, com a bandeira nacional tremulando no mastro, foi construído em 1900, durante a fase áurea da borracha, como demonstra a inscrição no

Já tem 32 mil habitantes

mármore da parede de entrada. Essa placa registra que passou pela cidade, em 17 de julho de 1943, uma certa "caravana da vitória, portadora da palavra de ordem do presidente da República (Getúlio Vargas), na viagem de propaganda da produção da borracha na Amazônia". (A caravana era formada por sete universitários).

Apesar das condições precárias, Itaituba apresenta um movimento de comércio e pessoas cada vez mais crescente. Não se sabe, contudo, qual será seu futuro político, por estar numa área de segurança nacional.

O que aconteceu em Serra Pelada, porém, deixa muita gente que vive indiretamente da corrida do ouro apreensiva. O medo é: e se o governo resolver bloquear tudo, como fez na Serra das Andorinhas?

Esses rumores trazem pânico entre os pilotos (e sua média de salário está em torno dos 200 mil cruzeiros por mês), dos comerciantes (que numa loja de roupas ou materiais faturam mais de um milhão de cruzeiros mensais) e até dos motoristas de táxi, com seus carros novos, completamente despreocupados com o preço da gasolina.

Mais afastados da cidade, alguns garimpeiros deixam suas famílias em casas de madeira, muitas sem assoalho, mas todas com móveis novos, carro, tudo em alto contraste. Com os gramas de ouro na mão, muitos querem gastar, demonstrar poder — a ponto de, numa rifa de carro usado, um piloto arrecadar 500 mil cruzeiros (o carro não valia 200) — "com a maior tranqüilidade", como ele mesmo conta.

Em compensação, alugar uma casa com quarto, sala e cozinha está custando 25 mil cruzeiros; por dez mil fica o que em Itaituba se chama de "apartamento", mas que se resume num único cômodo e banheiro. O dono de um prédio de apartamentos alugados, ou casas, ganha outros milhões de cruzeiros por mês, como é o caso do previdente **Zé Arara.**

José Cândido de Araújo, o **Zé Arara**, está sendo cotado para ser o novo prefeito de Itaituba. Consultado formalmente, **Zé Arara** reluta: "Não tenho tempo nem para os meus negócios." A bem da verdade, seu ritmo de trabalho é puxado; em compensação, seus negócios estão sempre em expansão, mesmo porque, como define um morador, "ele fatura de todos os lados".

Uma inscrição na parede, cuidadosamente pintada, parece ter bastante significado nesses tempos em que são bem visíveis os sintomas de administrativa: incompetência: "Não se desespere. Para breve, **Zé Arara**".

Curiosidade: Itaituba atrai pilotos, motoristas, garimpeiros, comerciantes — gente do interior de São Paulo, gente do Nordeste. Mas em uma cidade paraense relativamente próxima dali, Santarém, poucos se interessam pelo ouro.

Santarém é a cidade onde o brigadeiro Haroldo Veloso foi baleado em setembro de 1968 (morreria um ano depois, do coração no hospital da Aeronáutica, no Rio), porque pretendeu tomar, à força, a Prefeitura local para tentar reempossar o prefeito, que fora cassado pela Câmara Municipal. Também banhada pelo Tapajós, Santarém liga-se a Itaituba pelo rio. Lei? Depois de vinte anos sem ater um julgamento sequer pelo júri, a cidade recebeu uma juíza — Albanira Bemerguy — que decidiu dar andamento aos processos por homicídio. No Fórum de Santarém, há duas semanas, o promotor Luiz Valente, furioso com o caso de um réu (que matou enfiando uma peixeira até o cabo no peito da vítima e assim mesmo foi absolvido), atirou pela janela, desolado, o Código de Processo Penal.

A corrida do ouro trouxe também um novo tipo de estelionatário, como um ainda misterioso **Raimundinho**, atento às novas pessoas que chegam a Itaituba para procurar explorá-las. Como maranhense, Antonio Monteiro Freitas e três parentes, contratados por **Raimundinho** para "viverem no paraíso". O "paraíso", no caso, estava num lugar distante, nas proximidades de Alenquer.

Antonio e seus parentes foram levados para lá, de avião, onde encontraram outros garimpeiros — 42 homens, ao todo. E ficaram abandonados sem encontrar ouro, só restos de cascalho (a região já fora pesquisada antes). Quando a comida acabou, entraram na selva, desesperados, e por pura sorte conseguiram chegar a um lugarejo chamado Sete Varas, onde souberam que **Raimundinho** não havia pago o piloto do avião, que se recusou a fazer novos vôos, inclusive para levar suprimentos aos garimpeiros. Não se sabe quais eram os planos de **Raimundinho.**

Hoje, as pessoas humildes que chegam a Itaituba, sonhando com muito dinheiro e querendo garimpar imediatamente, logo perguntam como fazer para obter uma "autorização". E a receita é simples: basta ir ao posto local da Receita Federal com duas fotografias 3 x 4. E o suficiente para se obter uma "carteira de garimpeiro e faiscador".

Só mesmo a obrigatoriedade de ter essas carteiras para vender ouro, por causa da presença ostensiva da Polícia Federal, é que leva os garimpeiros à Receita Federal. Êles preferem ser conhecidos somente por apelidos. E aqueles que têm problemas com a Justiça, e não querem ser identificados, vão ser explorados mais um pouco: entregarão o ouro que possuem a alguém com carteira (e qualquer um pode tirá-la), e pagando por isso uma boa comissão.

Itaituba, muito ouro, muito dinheiro e poucos recursos, continua crescendo.

E a menos que o governo intervenha, estilo Serra Pelada (o que todos os que vivem da corrida do ouro esperam que não aconteça), crescerá mais ainda.

Então, virá o colapso — que igualmente a ninguém preocupa. O ouro exerce um fascínio sobre todos — e esse fascínio parece compensar qualquer sacrifício.

Amanhã, histórias dos pilotos da Amazônia.